

Planalto quer afastar o clima de fim de mandato

Partidos da base aliada pressionam FHC e condicionam a participação no governo aos acordos para a eleição presidencial

Katia Guimarães e Patricia Cunegundes
de Brasília

Na primeira reunião ministerial do ano, marcada para quarta-feira, o presidente Fernando Henrique Cardoso promete ser duro: vai cobrar desempenho e resultados de seus ministros. Ele quer o governo trabalhando e mostrando serviço no ano eleitoral. "A orientação é de que o governo terá de continuar trabalhando. O presidente vai cobrar resultados e projetos", disse um assessor palaciano. Tudo isso para afastar o clima de fim de governo. Na semana passada, o ministro da Educação, Paulo Renato, exprimiu bem o tom do encontro. Falando a técnicos e assessores sobre as metas educacionais para 2002, ele disse que todos deveriam trabalhar como este fosse o primeiro ano de governo.

É com este espírito que Fernando Henrique pretende fazer um balanço dos 7 anos de governo e determinar diretrizes para os últimos meses. O formato da reunião ainda está sendo costurado sob a coordenação do ministro da Casa Civil, Pedro Parente,

mas já se sabe que será aberto e no Palácio do Planalto. Esta pode ser a última reunião de pelo menos 12 dos 23 ministros que pretendem deixar as pastas para concorrer a cargos eletivos. O primeiro a entregar o cargo foi o ex-ministro dos Transportes, Eliseu Padilha. O próximo deverá ser o titular da Saúde, e candidato do PSDB ao Palácio do Planalto, José Serra. O ministro confirmou que voltará ao Senado no dia 19 deste mês para dar um impulso à campanha eleitoral e, desta forma, evitar conflitos das agendas de ministro e candidato, livrando-se da acusação de uso da máquina administrativa. Em seu lugar vai assumir um técnico, o secretário executivo, Barjas Negri.

A reforma ministerial não deve acontecer em bloco. A saída dos ministros candidatos será paulatina e conforme as decisões pessoais e par-



Fernando Henrique Cardoso

tidárias. "Cada caso é um caso", afirmou o líder do governo na Câmara, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP). No Ministério da Educação, o substituto de Paulo Renato já está praticamente certo. A secretária de Educação Superior, Maria Helena Guimarães, assumirá a vaga do ministro que deverá disputar uma cadeira no Senado pelo Estado de São Paulo. O rearranjo dos cargos no ministério já começou a ser feito na semana passada, quando Maria Helena deixou de acumular a direção do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Paulo Renato quer deixar o cargo antes do prazo final, 6 de abril. Ele cobrou da Executiva do PSDB uma decisão rápida sobre a sua candidatura.

Segundo Madeira, a indicação de políticos para os cargos dependerá do

peso de cada pasta. A intenção do presidente Fernando Henrique é escolher técnicos, mas ele será obrigado a abrir exceções para atender aliados como o PMDB, que caminha para uma coligação com os tucanos. "O PMDB faz questão. É um acordo bilateral, seria lógico o partido ficar", afirmou o ministro da Integração Nacional, Ney Suassuna, referindo-se à aliança governista e confirmando o sentimento da cúpula do partido.

Já o PFL condiciona a sua participação no governo aos acordos para a eleição presidencial. Na composição das coligações, o PFL não quer ficar isolado e ameaça entregar os cargos no Executivo e lançar candidatos próprios nos estados onde mantém alianças com PSDB e PMDB. Este, por exemplo, é caso da troca de comando no Palácio dos Bandeirantes. O partido pode lançar o senador Romeu Tuma e abandonar o apoio a Geraldo Alckmin.

O secretário-geral do PFL, Saulo Queiroz, garante que no momento este assunto está fora da pauta. A saída prematura dos ministros pefe-

listas significaria o drástico rompimento com a base de sustentação do governo, sepultando qualquer possibilidade de alianças na corrida pelo Planalto. "O assunto está na geladeira. Qualquer orientação agora é extemporânea. Vamos ver o que acontece no mês de março", disse. Na verdade, o PFL está de olho nas negociações entre PMDB e PSDB e aguarda até o final do mês que vem para tomar uma decisão.

Saulo Queiroz avisa que a hipótese de uma coligação entre os dois partidos forçaria os ministros a deixar os cargos. "Invariavelmente há constrangimento de ficar no governo", afirmou, dizendo que o PFL não faria oposição ao governo. "Não vamos romper com o governo nem deixar de oferecer apoio nas votações importantes", acrescentou. Portanto, aguardam a posição do partido os ministros Carlos Mello (Esporte), José Sarney

Filho (Meio Ambiente), Roberto Brant (Previdência) e José Jorge (Minas e Energia), que só deixa o cargo por determinação do PFL, pois ainda tem quatro anos de mandato como senador.

Outro partido que integra a base governista, o PPB, também espera os acertos das candidaturas para de-

A intenção do presidente é escolher técnicos, mas ele será obrigado a abrir exceções para atender aliados

finir a situação da pasta da Agricultura, um dos dois ministérios do partido. Apesar de Pratinde Moraes ser pré-candidato à sucessão de Fer-

nando Henrique, o seu partido está sendo cortejado pelo PSDB e pelo PFL, deixando a ideia de candidatura própria cada vez mais distante. Se o titular da pasta deixar o cargo para concorrer ao governo do Rio Grande do Sul, o mais cotado para assumir a Agricultura é o secretário executivo, Márcio Fortes, que acompanhou o presidente na viagem à Rússia e à Ucrânia, no mês passado.